
(Des)politização da pandemia de covid-19: análise dos discursos de Lula, Bolsonaro e Simone Tebet no X durante as eleições de 2022¹

Eliane Grazielle Estevão²
Universidade Federal de Minas Geras – UFMG

Resumo

Os processos de politização e despolitização impactam diretamente na democracia, principalmente em contextos eleitorais, pois podem influenciar na decisão dos eleitores na hora do voto. Este artigo objetiva identificar como a pandemia de covid-19 aparece nos discursos de Lula, Bolsonaro e Simone Tebet em seus perfis oficiais no X (antigo Twitter), durante as campanhas eleitorais de 2022. Tem-se como pergunta de pesquisa: de que forma a pandemia de covid-19 foi politizada ou despolitizada pelos candidatos à Presidência da República nas eleições de 2022? A fundamentação teórica aborda os conceitos de politização e despolitização, com base na classificação de Hay (2007). A partir da metodologia de análise de conteúdo, comprovou-se que a pandemia foi bastante politizada por Lula e Simone Tebet; a despolitização foi predominante nos discursos de Bolsonaro, apesar de ele também ter politizado.

Palavras-chave

Politização; despolitização; pandemia de covid-19; eleições de 2022; democracia.

1. Introdução

A covid-19, causada pelo novo coronavírus (SRA-CoV-2), teve início em Wuhan, na China, em novembro de 2019. No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou que a covid-19 era uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), considerado o mais alto nível de alerta da Organização. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020.

Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O Ministério da Saúde brasileiro, sob a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, declarou o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19 no dia 22 de abril de 2022 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022)³. A decisão era contrária às recomendações da OMS, que havia decidido manter a classificação da covid-19 como pandemia. A OMS só decretou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à covid-19 em 5 de maio de 2023, mais de um ano depois da decisão do governo brasileiro, mas não significou, naquele momento, que a covid-19

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Geras – UFMG, E-mail: estevaoelianeg@gmail.com.

³ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>.

tivesse deixado de ser uma ameaça à saúde, pois, ainda conforme a OPAS (2023), a propagação mundial da doença continuava caracterizada como uma pandemia.

A pandemia de covid-19 ocasionou debates públicos que, por vezes, foi politizado e, outras vezes, foi despolitizado pelos mais diferentes atores na esfera pública. Os candidatos à Presidência da República, em 2022, são exemplos que, em seus discursos, fizeram usos políticos desses processos. Com base nesse contexto, o artigo tem como objetivo identificar como a pandemia aparece nos discursos dos três presidentiáveis que tiveram maior votação no primeiro turno das eleições de 2022 nos seus perfis oficiais no X (antigo Twitter), durante a campanha eleitoral. A partir de uma análise de conteúdo, apoiada em um livro de códigos, foram investigados os proferimentos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Messias Bolsonaro (PL) e Simone Nassar Tebet (MDB). O estudo tem a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a pandemia de covid-19 foi politizada ou despolitizada pelos candidatos à Presidência da República nas eleições de 2022?

Para tanto, o artigo, primeiramente, traz os conceitos de politização e despolitização, conforme as classificações de Hay (2007); na sequência, apresenta a metodologia e, por fim, as análises empíricas de postagens no perfil dos candidatos no X.

2. Politização e despolitização: revisitando conceitos

Este estudo parte dos conceitos de politização e de despolitização, que tem como embasamento teórico o livro *Why we hate politics*, do cientista político britânico Colin Hay (2007). O autor apresenta três tipos para cada um desses processos.

A forma mais básica de politização é a tipo 1, em que as questões que não eram objeto de deliberação, tomada de decisão e ação humana passam a ser politizadas. Assim, “está associada à extensão da capacidade de influência humana e deliberação que surge com a rejeição da atribuição prévia de uma questão – ou domínio de questão – ao domínio do destino ou da necessidade” (Hay, 2007, tradução nossa).

A politização tipo 2 refere-se a questões que se tornam ainda mais politizadas a partir do momento em que a deliberação que estava restrita à esfera privada se volta para processos públicos de deliberação. Já a politização tipo 3 diz respeito a questões da esfera pública, não governamental, que transitam para a arena da deliberação governamental direta, o que pode ocorrer de diferentes formas, como a articulação bem-sucedida do governo (*lobbying*) ou a troca de administração (Hay, 2007). Segundo o autor, nesse tipo

de politização, questões que já eram importantes no discurso público também incorporam debates legislativos e uma agenda política formal.

A despolitização é o processo inverso à politização. A primeira forma de despolitização é a tipo 1 em que questões até então restritas à arena política formal, objeto de deliberação e responsabilização governamental, transitam para a esfera pública, o que pode ocorrer pelo deslocamento de responsabilidade das autoridades governamentais para as entidades públicas ou paraestatais ou pela transferência da responsabilidade política formal para o mercado (Hay, 2007). O autor ressalta que, se o governo faz de tudo para tirar a responsabilidade das questões de seu domínio, a própria estratégia de despolitização pode ser politizada.

A despolitização tipo 2 ocorre quando questões antes politizadas na esfera pública, mesmo que não sejam objeto de deliberação política formal, são transferidas para a esfera privada. Conforme Hay (2007), a despolitização tipo 1 é frequentemente acompanhada do tipo 2. Por fim, a despolitização tipo 3 descrita pelo autor acontece quando a responsabilidade do domínio da deliberação (o domínio “político”) passa ao domínio da necessidade e do destino (o reino “apolítico”). Em outras palavras, as questões transitam do domínio privado para o da necessidade, que pode ser em esfera politizada (a governamental, a pública ou a privada).

Esses três tipos de politização e despolitização serão classificados empiricamente em posts coletados nos perfis dos candidatos das eleições de 2022.

3. Metodologia

O objeto empírico deste estudo é composto pelos perfis oficiais no X (antigo Twitter) dos três presidentes melhor colocados no primeiro turno das eleições de 2022, Lula, Bolsonaro e Simone Tebet. O interesse pelo X justifica-se pelo uso massivo dessa plataforma por figuras políticas para expressarem posicionamentos públicos (Almeida *et al.*, 2020). Pela ferramenta “localizar” no X, foi feita uma busca pelos termos “pandemia” e “covid”, de forma isolada, pois não é possível nessa ferramenta fazer uma busca com mais de um termo simultaneamente. Ao todo, foram coletadas 76 postagens: 47 de Lula, 16 de Bolsonaro e 13 de Simone Tebet.

A metodologia é a análise de conteúdo, cujo objeto de estudo é o registro em si, que está presente em um texto, um documento, uma fala ou um vídeo. Trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos aplicado a “discursos” e emprega uma descrição

analítica, de forma objetiva, sistemática e qualitativa, que possibilita um tratamento das informações que compõem as mensagens (Vilela Junior; Carvalho, 2005; Bardin 1977).

A coleta de dados ocorreu no período de propaganda eleitoral de 2022 (16 de agosto a 1º de outubro, no primeiro turno, e de 3 a 29 de outubro, no segundo turno). O livro de códigos elaborado para este estudo apresenta as seguintes categorias: C01 – Arena (perfis no X); C02 – Candidato (Bolsonaro, Lula e Simone Tebet); C03 – Tipo de discurso (ataque, defesa, descredibilização/deslegitimação e outros); C04 – Temas (Auxílio Brasil/Emergencial, corrupção, CPI da Covid, economia, educação, insegurança alimentar, mentira/mentiroso/mentir, mortes, negacionismo, proposta, saúde, vacina e outros); C05 – Tipos de desordem informacional (não tem, desinformação, *malinformation*, *misinformation*); C06 Uso da desinformação (não tem; usa para ataque, usa para defesa e usa como estratégia discursiva); C07 – Tipo de politização (tipo 1, 2 e 3) e C08 – Tipo de despolitização (tipo 1, 2 e 3).

4. Discursos (des)politizantes de Lula, Bolsonaro e Simone Tebet no X

Nos posts coletados, foram encontrados exemplos de politização tipo 2 (questões transferidas da esfera privada para a esfera pública) e tipo 3 (questões transitam da esfera pública para a esfera governamental). Quanto à despolitização, foram identificados o tipo 1 (questões são deslocadas da esfera governamental para a esfera pública) e o tipo 2 (questões são transferidas da esfera pública para a esfera privada). Não foram identificadas a politização tipo 1 (em que as questões transitam do reino da necessidade para a esfera privada) nem a despolitização tipo 3 (questões transitam da esfera privada para retornar ao reino do destino e da necessidade), conforme Hay (2007).

De modo geral, os proferimentos que se enquadram na politização tipo 2 tratam de questões de bem-estar coletivo ou que tentam levantar uma questão que antes era privada para o domínio público, conforme identificado nos perfis de Lula e de Simone; na página de Bolsonaro, não foi encontrado esse tipo de politização.

Exemplo 1: “*No momento que o país mais precisou, o presidente virou as costas para a população brasileira. Eu sei dessa realidade, investigamos na CPI da Covid. Eu não vi o Presidente da República pegar a moto dele e entrar num hospital para dar um abraço em uma mãe que perdeu um filho +*” (post de Simone Tebet em 28/08/2022).

Temas do post do exemplo 1: CPI da Covid e mortes. O tipo de discurso de Simone Tebet é de ataque, em que ela critica Bolsonaro pela condução dele durante a pandemia, como a ex-senadora fez durante toda a campanha eleitoral, também acusa-o de não cuidar da população e de falta de solidariedade. Enfatiza que atuou na CPI que investigou denúncias de corrupção em relação à covid-19, CPI esta que o ex-presidente tentava desmoralizar e, ao mesmo tempo, julgava a atuação de Simone, com ataques à postura dela e, também, com um comportamento que foi visto como misoginia, devido aos constantes atos de propagação do ódio ou aversão a mulheres praticados por Bolsonaro.

O discurso é considerado como politização tipo 2, pois aponta para um interesse coletivo e questões como a falta de cuidado e de solidariedade, que são características do foro íntimo, ou seja, questões pessoais, realizadas por espontânea vontade de cada indivíduo (esfera privada), foram levadas para o domínio público (Hay, 2007). Por se tratar de um presidente da República, esperava-se dele ser mais cuidadoso e solidário durante uma pandemia com tantas mortes e consequências, o que não ocorreu.

Exemplo 2: “400 mil mortes poderiam ter sido evitadas na pandemia se não fosse o descaso do atual governo. 400 mil mortes. Nunca mais alguém morrerá por falta de oxigênio nos hospitais como aconteceu em Manaus. O Brasil merece alguém que cuide do povo” (post de Lula em 28/10/2022).

No exemplo 2, os temas são mortes e saúde. Lula também usa discurso de ataque, o que é recorrente em períodos de campanhas eleitorais, nesse caso, ele responsabiliza o governo Bolsonaro pelas milhares de mortes decorrentes da covid-19 e pela falta de respiradores em Manaus, que são questões de saúde pública. Essas situações foram apenas algumas das crises instauradas durante a pandemia, uma vez que o governo federal era o principal agente responsável pela gestão das crises no período pandêmico e, ao contrário de ser atuante e ágil em ações como a aquisição de vacinas, foi alvo de CPI por ingerência.

Em momentos de disputa eleitoral, os discursos de ataque vem à tona e assuntos dessa natureza viram alvo de politização por parte dos adversários, o que se torna não apenas uma estratégia política, mas também discursiva. Lula se utiliza da politização tipo 2 ao se colocar como a melhor opção para cuidar da população, uma espécie de “salvador da Pátria”, capaz de resolver os problemas coletivos, em especial na saúde pública, o que se trata também de uma questão de interesse público e bem-estar social.

O discurso de Lula nesse post sobrepõe a politização tipo 3, por conduzir a questão da esfera pública para a governamental (Hay, 2007), uma vez que a saúde pública pertence a essa esfera. Isso confirma que os processos de politização não são lineares e sim dinâmicos, fluidos e podem se sobrepor (Hay, 2007; Flinders; Wood, 2014), também podem ser paralelos a processos de despolitização. Além disso, a politização tipo 3 se reforça pelo fato de Lula se referir a cuidar do povo na função de Presidente da República, que tem a responsabilidade de zelar pelos cidadãos e atuar em questões sociais.

A politização tipo 3 foi a mais encontrada nos perfis de Lula e Simone Tebet, em discursos que delegam a responsabilidade para o governo federal e seus departamentos. Bolsonaro fez uso desse tipo ao apresentar processos e/ou ações governamentais.

Exemplo 3 - *“Como foi possível implementar uma política de redução de impostos, fazer as estatais que antes davam prejuízos darem lucros, reduzir o desemprego, aumentar a arrecadação e fazer o país crescer mesmo em meio a uma guerra e uma pandemia? Entre tantos outros motivos: NÃO ROUBANDO!”* (post de Bolsonaro em 29/08/2022).

No exemplo 3, cujo tema é corrupção, Bolsonaro usa discurso de defesa ao mostrar ações de seu governo em favor da economia e cita que as medidas foram positivas mesmo com a pandemia e guerra entre a Ucrânia e a Rússia. Indiretamente, também ataca o adversário Lula ao usar, em letras garrafais, a expressão “NÃO ROUBANDO!”, uma vez que, durante a campanha eleitoral, chamou o oponente de ladrão, corrupto, ex-presidiário e outros adjetivos correlatos. Esse proferimento se enquadra na politização tipo 3 por abordar a responsabilidade do governo nessas ações, as quais Bolsonaro atribuiu como grande feito de seu mandato. Para além disso, essas medidas demandaram debates legislativos e regulamentações em outras instâncias para serem implementadas. Por outro lado, a pandemia e a guerra, muitas vezes usadas por Bolsonaro para despolitizar, ao se eximir de algumas responsabilidades e culpas, aqui foi alvo de politização, para mostrar que, mesmo com esses contextos, conseguiu tais benefícios para a sociedade, assim, apresentou-se como um bom gestor em meio a crises.

Exemplo 4: *“O presidente não tem propostas para resolver os problemas do Brasil. A pandemia, que ele foi omissa e atrasou a compra de vacina em 45 dias, matou e continua*

matando, devido às filas de consultas, internações e cirurgias nos hospitais. É preciso fazer diferente!” (post de Simone Tebet em 29/09/2022).

Exemplo 5: “Bolsonaro não responde sobre a pandemia porque deve pesar na consciência dele. Se tivesse seguido o aviso dos governadores do Nordeste, teria evitado pelo menos 200 mil mortes. Ele, desumano como é, não foi visitar uma pessoa que perdeu um parente” (post de Lula em 28/10/2022).

No exemplo 4, em que a postagem apresenta os temas da vacina, mortes e saúde, e no exemplo 5, que tem mortes como tema central, Simone Tebet e Lula adotam discurso de ataque em relação a Bolsonaro. Ambos aplicam a politização tipo 3, porque colocam no governo do ex-presidente responsabilidades sobre as consequências de sua gestão na pandemia, principalmente em questões de saúde pública.

Simone Tebet questiona a falta de ações do governo Bolsonaro e o responsabiliza pelo atraso na compra de vacinas contra a covid-19, o que teria resultado no aumento de mortes. Ela era senadora quando foi integrante da CPI da Pandemia (ou CPI da Covid)⁴, que recomendou, em relatório⁵ aprovado em 26 de outubro de 2021, o indiciamento de duas pessoas jurídicas e 66 pessoas físicas, entre elas o ex-presidente. A comissão concluiu pelo indiciamento de Bolsonaro pelos seguintes crimes: epidemia com resultado morte; infração de medida sanitária preventiva; charlatanismo; incitação ao crime; falsificação de documento particular (no caso o cartão de vacinas); emprego irregular de verbas públicas; prevaricação; crimes contra a humanidade, nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos); violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo. Bolsonaro chegou a ser indiciado por fraude no cartão de vacina, mas o caso foi arquivado.

Em sua postagem, Simone politiza ao criticar a gestão da saúde pública de modo mais amplo, quando diz que a pandemia ainda continuava matando, *“devido às filas de consultas, internações e cirurgias nos hospitais”*, o que é uma agenda política formal do

⁴ “Em suas 1.180 páginas, o relatório final da CPI da Pandemia, apresentado pelo senador Renan Calheiros (MDB-AL), recomenda o indiciamento de 66 pessoas físicas e duas pessoas jurídicas. Esses indiciamentos têm relação com o negacionismo em relação ao vírus e às vacinas, que teria aumentado o número de mortos no Brasil; com as suspeitas de corrupção nas negociações para a compra de vacinas pelo Ministério da Saúde; e com as mortes que teriam sido provocadas pelo uso de tratamentos sem respaldo científico contra a covid-19”. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>.

⁵ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/mna/relatorios>.

governo (Hay, 2007), uma vez que cabe a ele buscar soluções para sanar tais problemas. Ela também politiza ao afirmar que “*o presidente não tem propostas para resolver os problemas do Brasil*” e, como candidata, colocou-se como a pessoa que teria soluções.

Por sua vez, Lula acusa Bolsonaro de não ouvir os governadores sobre o problema da falta de respiradores, que criou uma crise de saúde pública no Nordeste, o que “*teria evitado pelo menos 200 mil mortes*”, como declarou Lula. Esperava-se do governo federal que se aliasse aos governos estaduais e ouvisse os governadores nas medidas para combater a crise sanitária e minimizar seus impactos. Mas não foi o que ocorreu, por isso Lula politiza ao apontar a responsabilidade da gestão de Bolsonaro nessa crise.

Quanto aos contextos de despolitização, eles foram encontrados, predominantemente, no perfil de Bolsonaro.

Exemplo 6 - “*Mesmo com pandemia, o ‘fique em casa a gente vê depois’ e uma guerra que afeta a todo mundo, o Brasil avança enfrentando estes e outros problemas, como o PT sendo contrário a diminuição de impostos que reduz o preço dos combustíveis e alimentos a todo Brasileiro*” (post de Bolsonaro em 11/09/2022 – despolitização tipo 1).⁶

No exemplo 6, Bolsonaro adota a despolitização tipo 1 ao apresentar a ideia de delegação da responsabilidade para outra esfera, faz isso quando coloca a culpa da situação econômica do país na pandemia, na guerra entre Rússia e Ucrânia e no Partido dos Trabalhadores. Ele usa discurso de ataque, por acusar o PT, partido de Lula, de ser contrário à redução de impostos, e discurso de defesa, por usar a pandemia e a guerra para despolitizar, ao tentar desviar a atenção de problemas de gestão de seu governo. O ex-presidente também despolitizou ao delegar, mesmo que indiretamente, a responsabilidade da crise econômica a governadores que adotaram o fechamento do comércio/*lockdown*, ao usar a expressão “*fique em casa a gente vê depois*”, estratégia discursiva que usou durante toda a sua campanha política.

Quanto à despolitização tipo 2, tem-se o exemplo a seguir:

Exemplo 7 - “*Por incrível que pareça, existem pessoas que acham mais constrangedor palavras descontextualizadas do que apoiar um sujeito que estava preso por promover o maior*

⁶ <https://ptnosenado.org.br/por-que-o-pt-votou-contr-a-reducao-do-icms-dos-combustiveis/>

esquema de corrupção de nossa história e que, junto com sua indicada, quebrou o BR sem pandemia e sem guerra” (post de Bolsonaro em 24/08/2022).

No exemplo 7, Bolsonaro aborda os temas da corrupção e economia, ele utiliza o discurso de ataque em relação a Lula e direciona também o ataque à ex-presidente Dilma Rousseff, prática comum no mandato dele e na campanha eleitoral, de atingir mulheres. São ataques pessoais, quando ele fala em “*apoiar um sujeito que estava preso*” e também ataca o direito à liberdade de expressão ao dizer “*existem pessoas que acham mais constrangedor palavras descontextualizadas*”, uma forma de demonstrar discordância em relação a opiniões alheias e criticar quem pensa diferente por confiar em Lula.

Bolsonaro acusa Lula de corrupção, numa estratégia de desviar a atenção de problemas da gestão dele, que foi acusada de corrupção na tentativa de ganhar um dólar na aquisição de cada dose da vacina Covaxin, conforme foi confirmado na CPI da Covid, fato que gerou pedido de indiciamento de Bolsonaro. Essas questões dizem respeito à despolitização tipo 2. Ele também pratica nesse post a despolitização tipo 1, quando novamente cita a pandemia e a guerra, que usa como estratégia discursiva para ocultar questões do governo dele e as consequências do mau gerenciamento da crise sanitária.

5 Considerações Finais

O presente estudo teve o objetivo de identificar como a pandemia aparece nos discursos nos perfis oficiais no X (antigo Twitter de Bolsonaro, Lula e Simone Tebet. Identificou-se que, a partir das postagens, cada um fez uso político do tema da pandemia de covid-19 conforme suas estratégias de campanha para politizar e/ou despolitizar.

Bolsonaro predominantemente despolitizou, na tentativa de “apagar” problemas do governo dele e ao acusar Lula, seu principal adversário na disputa eleitoral. Lula com a estratégia de mostrar os erros da gestão de Bolsonaro, principalmente no gerenciamento da pandemia. Simone Tebet com a estratégia de criticar Bolsonaro pela crise na saúde pública e falta de solidariedade com as famílias que tiveram vítimas da covid-19.

Assim, as análises foram capazes de responder à pergunta de pesquisa. Simone Tebet, que integrou a Comissão Parlamentar de Inquérito na apuração de denúncias de irregularidades em relação à covid-19, como a corrupção na compra da vacina Covaxin, praticou a politização tipo 2, em questões de bem-estar coletivo, como preocupação particular com a sociedade, solidariedade, sensibilidade com as vítimas da covid-19, e a

politização tipo 3, como responsabilização do governo federal no atraso na compra de vacina, falta de investimentos na saúde pública e as consequentes mortes.

Lula também fez uso dos tipos de politização 2 e 3. O tema mais abordado pelo petista para politizar foi mortes, com ataque ao ex-presidente pelo elevado número de vidas perdidas em decorrência da covid-19, que atribuiu como descaso do governo bolsonarista. O petista aproveitou para responsabilizar o adversário pelas consequências da crise sanitária e de saúde pública, além de se apresentar como aquele que poderia cuidar melhor do povo e ser mais solidário.

Já Bolsonaro apostou na despolitização tipo 1, ao transferir a responsabilidade de problemas do governo dele para outros, como o mercado, o PT, os governadores, ao desviar o foco e a culpa das questões de sua gestão, além de silenciar/apagar questões governamentais e colocar a culpa das crises e erros do governo na pandemia, na guerra entre Ucrânia e Rússia e na crise hidrológica. Também empregou a despolitização tipo 2, como ataques pessoais e à liberdade de expressão. Bolsonaro também praticou a politização tipo 3, ao mostrar feitos de seu mandato mesmo em meio às crises.

Assim, as análises comprovam que enquanto Lula e Simone Tebet apostaram mais na politização da pandemia, Bolsonaro, embora também tenha politizado, adotou mais a despolitização em sua estratégia discursiva.

Referências

ALMEIDA, Helga. ABELIN, Pedro. PEREIRA, Matheus. FERREIRA, Maria Alice. Twittocracia e o populismo de direita: Uma análise comparativa entre o caso norte-americano e o brasileiro. **Anais...** 12º Encontro da ABCP, 2020. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/web/anais/>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Londres: Edições 70, 1977. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

FLINDERS, Matthew; WOOD, Matt. Rethinking depoliticisation: Beyond the governmental. **Policy & Politics**, v. 42, n. 2, p. 151-170, 2014.

HAY, Colin. **Why we hate politics**. Cambridge: Polity, 2007.

VILELA JUNIOR, Guanís de Barros; CARVALHO, Anderson dos Santos. **Análise de Conteúdo**. 2005. Disponível em: <http://www.cpaqv.org/epistemologia/analiseconteudo.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.